

RELATÓRIO

RODA DE CONVERSA: NOVOS RUMOS PARA O QUALIS?

5 de outubro de 2020

Realização



UESB
Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia





Comissão Gestora

Lúcia da Silveira
Cláudia Moura
Emanuelli Torino
Marcela Reinhardt de Souza
Natalino Perovano Filho
Silvana Vidotti
Martha Cabral
Susane Barros

Roda de conversa: Novos Rumos para o Qualis?

Comissão organizadora

Thaiane Moreira De Oliveira (UFF)
Lúcia da Silveira (UFSC)
Germana Barata (ABEC)
Nathalia Avila (UERJ)
Natalino Perovano Filho (UESB)
Susane Barros (UFBA)
Amanda Herzmann Vieira (UFSC)
Marcela Reinhardt de Souza (Udesc)

Apoio

Cláudia Moura (UFG)
Emanuelle Torino (UTFPR)
Silvana Vidotti (UNESP)
Martha Cabral (UFS)

Ficha técnica do relatório

Redação

Thaiane Moreira De Oliveira
Lúcia da Silveira
Nathalia Avila

Revisão

Marcela Reinhardt de Souza
Nathalia Avila
Susane Barros

Diagramação

Lúcia da Silveira

Capa

Nathalia Avila



Novos rumos para o Qualis?

Este relatório tem como objetivo registrar informações sobre o evento realizado em pleno contexto de luta ao momento pandêmico mundial contra a Covid-19. A organização do evento ocorreu estritamente em ambiente virtual, assim como sua execução, nos dias 3 e 4 de setembro de 2020. O tema do evento foi baseado nas perguntas que chegaram aos membros da Rede Tulipa, qual o futuro do Qualis? Qual o futuro das nossas revistas? Serão rebaixadas as revistas e não teremos mais investimentos para as que atendem necessidades locais? E neste sentido, foi proposto o nome do evento: Novos rumos para o Qualis?

Evento é fruto de um trabalho coletivo da Rede Tulipa: Rede Brasileira de Portais de Periódicos (com colaboração especial das instituições: UFF, UFSC, UNESP, UTFPR, UESB, UFBA, Udesc, UFG, UERJ) juntamente com a Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC). Agradecemos a participação voluntária de toda equipe envolvida para a realização deste evento.

Foram realizadas quatro mesas de discussões com seis palestrantes distribuídos nos dois dias de evento:

Qual é o papel dos Fóruns de Editores

Lia Fialho - Associação Brasileira de Editores Científicos

Leila Posenato Garcia - Fórum de Editores de Saúde Pública da Abrasco.

Experiências internacionais de avaliação da ciência

Ernest Abadal - Universidad de Barcelona, Espanha

Julio Santillán - Universidade de Brasília, Brasil, Perú

Métricas internacionais e o índice H

João de Melo Maricato - Universidade de Brasília

Rogério Mugnaini - Universidade de São Paulo

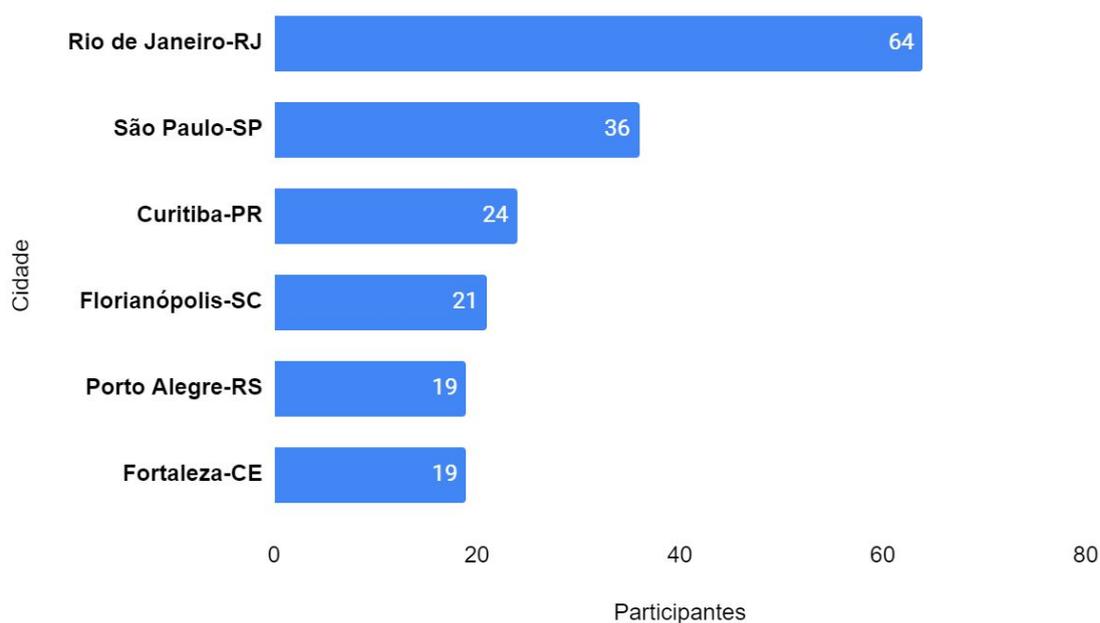
Novos rumos para o Qualis?

Charles Pessanha - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Edna Montero - Associação Brasileira de Editores Científicos

O número de inscritos no evento totalizam 1205 pessoas, de acordo com informações coletadas na plataforma de inscrição. Os participantes que assinaram as listas de presença somam 607 pessoas oriundas do Brasil, Argentina e França, dentre as cidades que mais tiveram pessoas assistindo as mesas ao vivo destacam-se seis capitais brasileiras (figura 1).

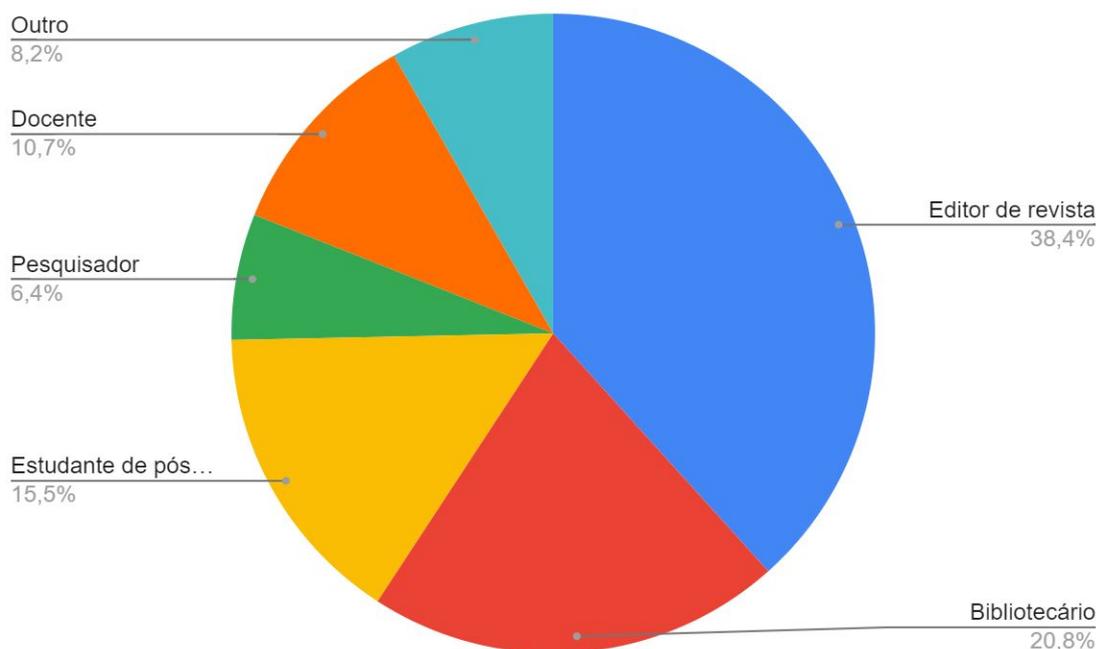
Figura 1. Participantes por cidade.



Elaborado por: Organizadores do evento, dados coletados da lista de presença.

Até o dia 20 de setembro de 2020 as apresentações das quatro mesas alcançaram a marca de 4592 visualizações (na sequência 1.737 + 755 + 1.100 + 1.000-). O público que assistiu ao vivo, em sua maioria apresentou o perfil de editores, seguido por bibliotecários, e estudantes de pós-graduação. Com envolvimento total de 1.137 curtidas (20/09/2020) (figura 2).

Figura 2. Perfil dos participantes.



Elaborado por: Organizadores do evento, a partir de dados coletados da enquetes.

Cada mesa teve aproximadamente duas horas de duração e espaços para perguntas. Durante as mesas os espectadores foram convidados a responder algumas enquetes, as quais tiveram mais de 100 pessoas respostas por mesa.

Digno de nota para a organização dos próximos eventos, que a principal origem de tráfego, ou seja, como as pessoas chegaram até o Youtube foi o Whatsapp. Sendo que o principal meio de distribuição de convites foi o e-mail.

Cabe destacar que uma das contribuições do evento, também favoreceu os editores, quanto a elaboração interativa da [lista de Fóruns de Editores Científicos](#) e manifestações da comunidade científica quanto às propostas do Qualis Periódicos. Na abertura do evento, ao ser detectado, tanto pelos palestrantes, quanto pelos ouvintes a falta informação sobre os fóruns de editores científicos brasileiros, foi iniciado uma lista colaborativa para disponibilizar/informar os respectivos fóruns durante o evento. O documento foi revisado e organizado, totalizando dezesseis Fóruns de editores, com predomínio da área de educação (3) - sendo que um deles é de representação nacional, outro regional e um institucional. A área da saúde com três fóruns, com foco na enfermagem, saúde coletiva e outro fórum institucional da saúde.

Com esses dados, percebe-se o surgimento dos fóruns institucionais normalmente vinculados a portais de periódicos. O Fórum da FEPAE apresenta-se com uma estrutura, diferenciada, pois tem representatividade em várias regiões do país, assim como estrutura administrativa com vinculações Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

A seguir apresentamos o discurso de encerramento do evento da professora Thaiane Oliveira, da Universidade Federal Fluminense, ao qual discute e sintetiza as discussões de todo o evento.

A motivação para a realização do evento partiu da demanda da própria comunidade de editores e membros de equipes de periódicos científicos em esclarecer pontos importantes sobre as mudanças no Novo Qualis, da Capes.

Não é de hoje que o Qualis tem sido muito criticado pela comunidade científica. Inúmeros são os problemas deste sistema de avaliação, entre eles a questão do tempo, como Lia Fialho discutiu na primeira mesa deste evento. Lia ressaltou os problemas de publicar sem ter a certeza de como o periódico será avaliado posteriormente, além dos problemas decorrentes do 'H Vida' que beneficiará revistas com grandes trajetórias em detrimento daquelas mais novas no circuito de editoração científica. Esses são apenas alguns dos problemas trazidos pelo Qualis e conforme Lia nos falou: precisamos nos descolar do Qualis, o que não significa deixar de debatê-lo. É nesta direção que o evento se desdobrou, no sentido de pensar e propor mecanismos de avaliação da produção científica brasileira.

Se a comunidade acadêmica sempre teve uma importante participação no processo de desenvolver seus próprios mecanismos de avaliação, nas novas direções de avaliação dos periódicos científicos a comunidade acadêmico não tem sido plenamente consultada. Neste ano, foi anunciada a possibilidade de acabar com o sistema de classificação de periódicos, que nunca deixou de ser alvo de críticas de nós, pesquisadores, editores, bibliotecários, gestores de portais e comunidade envolvida com a produção de ciência. Reflexo de uma política governamental reativa, após muitas manifestações uma nova resolução foi publicada, na qual o índice H (do Google Metrics, uma empresa pouco dialógica e pouco transparente) será adotado para avaliar os periódicos científicos, sobretudo nas Humanidades e Saúde Coletiva.

Esta política reativa é marca de um governo autoritário, pouco dialógico e que não só ignora as evidências da comunidade científica em suas políticas, mas também ataca ideológica e financeiramente as instituições científicas. Nessa conjuntura, a comunidade científica só é ouvida quando se mobiliza e se fortalece. Mas como a comunidade científica pode se fortalecer em um momento no qual os espaços de consulta e diálogo, tradicionais do sistema democrático, estão enfraquecidos?

A nossa atuação recente nos mostra a importância de espaços políticos e mobilização coletiva, como foi relatado por Leila Posenato Garcia, na experiência de atuação política do Fórum de Editores de Saúde Pública da Abrasco, a qual permitiu colocar a área de Saúde Coletiva como uma das áreas para não estar subjugada apenas à Fator de Impacto e CiteScore.

Essa aproximação de métricas comerciais e internacionais foi tema da nossa segunda mesa, na qual Ernest Abadal discutiu alguns movimentos internacionais de avaliação da ciência não apenas pautada no impacto citacional único. Ações políticas como Declaração de São Francisco e Manifesto de Leiden estiveram presentes em sua fala.

Em seguida, Julio Santillán apresentou os desdobramentos dessa discussão na América Latina, situando a divisão entre os interesses das agências nacionais para uma aproximação de indicadores comerciais ou formas de medir a avaliação, por outro lado o movimento da comunidade acadêmica para o compartilhamento científico. A partir dessa mesa podemos concluir que mesmo tendo o Qualis como pauta do evento, há uma discussão anterior que tem motivado a comunidade acadêmica: a necessidade de desenvolvermos indicadores para avaliar nossa produção científica não apenas a partir de métricas de citações comerciais internacionais, que não refletem as dinâmicas de circulação de conhecimento de países não anglófonos ou que não fazem parte de um conjunto de países centrais. Como Julio Santillán disse, precisamos trazer um debate de internacionalização para além de modelos anglófonos e valorizar o trabalho editorial e o multilinguismo, próprio da América Latina. E como dito por Ernest, precisamos pensar em modelos de avaliação do século XXI que estejam alinhados à Ciência Aberta.

Este entendimento vai ao encontro do que apresentou João Maricato, que falou sobre a diversidade de indicadores e apontou caminhos para a valorização de estudos qualitativos e citações abertas. Ainda nos lembrou que a escolha de indicadores é também uma escolha política. Mostrou que a maior parte da produção científica brasileira não está indexada nas bases utilizadas para a avaliação científica e portanto, precisamos considerar e avaliar os contextos políticos e sociais da circulação da produção científica do país.

Mugnaini debateu os efeitos da estratificação e dos indicadores na comunicação científica e que acabam inflando a produção científica e estimulando o produtivismo competitivo que se vê manifestado nos indicadores de impacto. Apontou ainda que é muito complicado estruturar a informação bibliográfica e que o ideal seria as próprias áreas se mobilizarem para gerar suas informações: “esse é o ouro informacional que” permite explorar uma fonte de informação mais diversa e entender a evolução e as dinâmicas da área. Esta seria uma forma de deslocar o Qualis da revista para começar uma avaliação voltada para métricas a nível de artigo. Criar sistemas e estruturas de base de dados é, portanto, nosso maior e mais urgente desafio para medir e avaliar a produção brasileira. Entre perspectivas futuras esta mesa apontou caminhos para uma valorização sobre a produção científica e do Acesso Aberto no país.

Após um brinde sobre o contexto pelo qual chegamos à proposta do Qualis referência, feita pelo professor Charles Pessanha, a professora Edna Monteiro abordou questões sobre a avaliação, que impactam em fomento e distribuição de verba. Edna apresentou a projeção usando os novos indicadores, e apontou que a maioria das revistas independente das áreas estariam predominantemente no terceiro e quarto quartil, gerando efeito em cadeia, já que a maioria das revistas serão classificadas no estrato B2. Isso causaria a redução de bons artigos nas revistas brasileiras e influenciaria ainda mais os pesquisadores de excelência a publicar em revistas internacionais, já que são melhor avaliados quando publicam no exterior.

Quando Lúcia da Silveira abriu o evento, foi falado que iríamos apresentar os dois lados de uma mesma moeda. Embora com perspectivas diferentes, todas as mesas falaram sobre tópicos em comum: a urgência de se debater e pensar os

nossos próprios mecanismos de avaliação nos afastando de critérios subjetivos, mas que também sejam menos dependentes de empresas internacionais comerciais pouco transparentes e que se baseiam em modelos de comercialização do conhecimento científico. A América Latina é considerada uma das regiões mais progressistas do mundo sobre o Acesso Aberto, e devemos continuar estruturados para continuar com os próximos passos quanto ao desenvolvimento da ciência aberta.

Scielo é um exemplo desta luta política pela abertura da ciência e democratização do conhecimento. A partir da fala de Levi-Strauss, citado pela professora Edna, nossa grande responsabilidade é tornar a nossa ciência internacional. Talvez mais do que isso, seja tornar nossa ciência mais democrática, mais aberta e nem por isso com qualidade inferior. Talvez estejamos caminhando para avaliações multidimensionais, que possam dar conta do impacto social, político, reconhecimento, internacionalização, transdisciplinares e tantos outros critérios que vão além da citação.

Em momentos de escassez de recursos e de ceticismo na ciência é mais do que urgente pensarmos em modelos democráticos e multidimensionais não para avaliar nosso impacto citacional, mas para entendermos que as revistas são fontes de conhecimento e que é nosso dever tornar esse conhecimento cada vez mais aberto e democrático - e isso é fruto da nossa luta, cientistas, pesquisadores, instituições científicas, bibliotecários, gestores de portais, coordenadores de fóruns de editores e toda a comunidade científica junto com a sociedade.

Agradecemos aos voluntários, colaboradores, professores, bibliotecários, pesquisadores e participantes pela confiança.

[Acesse o youtube da Rede Tulipa](#)
para conferir as nossas playlists temáticas
e ao conteúdo desse evento.

Realização

